

À noite, a primeira vista é de uma linda cidade bem iluminada, flutuando sobre as águas. Uma linda paisagem noturna: reflexos de luzes à flor d'água, velozes voadeiras voando, subindo e descendo o rio, com ousados faróis a possibilitarem a visão do piloto.

Tudo é muito bonito quando observado da margem do Rio Madeira.

Encontro-me em frente a uma grande fofoca, de aproximadamente 5.000 dragas, um garimpo chamado Araras, no Madeirão, como carinhosamente os garimpeiros tratam o rio que exploram e maltratam e matam.

Acostumados a conviverem com as drogas, os furtos, os roubos, os assassinatos, com a violência de toda natureza, a maioria dos garimpeiros não percebe o enorme risco que envolve suas vidas.

É a luta pela sobrevivência. Sobrevivência? Morrem por um grama de ouro que seja. Porque com ele se pode fazer quase tudo, disse-me um mergulhador que já cheira a peixe. De outro eu ouvi:

- Olha, sócio, o ouro na nossa mão é como sangue em nossas veias. Sem ele não conseguimos viver.

Tudo é tão agressivo aqui. Eu fui testemunha ocular de corpos que boiavam, seguindo o mesmo destino do rio. Só Deus sabendo aonde iriam parar e quem eram. Homens, peixes, plânctons, todos mortos pelos gestos violentos dos bamburros, que só o ouro invoca e provoca.

Da linda visão que tive da margem do rio, resta agora apenas este quadro desolador de natureza-morta.